

**MEDICALIZAÇÃO ESCOLAR E
O PROCESSO NORMATIZADOR
NA INFÂNCIA: A ERA DA
PALMATÓRIA QUÍMICA**

Fabiola Colombani

MEDICALIZAÇÃO ESCOLAR E O PROCESSO NORMATIZADOR NA INFÂNCIA: A ERA DA PALMATÓRIA QUÍMICA

1ª Edição

São Carlos / SP

Editora De Castro

2023

Copyright © 2023 dos autores.

Editora De Castro

Editor: Carlos Henrique C. Gonçalves

Conselho Editorial:

Prof. Dr Alonso Bezerra de Carvalho

Universidade Estadual Paulista – Unesp

Prof. Dr Antenor Antonio Gonçalves Filho

Universidade Estadual Paulista – Unesp

Profª Drª Bruna Pinotti Garcia Oliveira

Universidade Federal de Goiás – UFG

Profª Drª Célia Regina Delácio Fernandes

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Profª Drª Cláudia Starling Bosco

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG / FaE

Prof. Dr Felipe Ferreira Vander Velden

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof. Dr Fernando de Brito Alves

Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira

Universidade Federal do Pará – UFPA

Profª Drª Heloisa Helena Siqueira Correia

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof Dr Hugo Leonardo Pereira Rufino

Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus Uberaba, Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico

Profª Drª Jáima Pinheiro de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais,

Faculdade de Educação – UFMG / FAE

Profª Drª Jucelia Linhares Granemann

Universidade Federal de Mato Grosso do

Sul – Campus de Três Lagoas – UFMS

Profª Drª Layanna Giordana Bernardo Lima

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Prof. Dr Lucas Farinelli Pantaleão

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Profª Drª Luciana Salazar Sagado

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar / LABEPPE

Prof. Dr Luis Carlos Paschoarelli

Universidade Estadual Paulista – Unesp / Faec

Profª Drª Luzia Sigoli Fernandes Costa

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Profª Drª Marcia Machado de Lima

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof. Dr Marcio Augusto Tamashiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO

Prof. Dr Marcus Vinícius Xavier de Oliveira

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof. Dr Mauro Machado Vieira

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof. Dr Osvaldo Copertino Duarte

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Profª Drª Zulma Viviana Lenarduzzi

Facultad de Ciencias de la Educación – UNER, Argentina

Projeto gráfico: Carlos Henrique C. Gonçalves

Capa: Carlos Henrique C. Gonçalves

Ilustração para capa: Esmeralda Jatobá

Preparação e revisão de textos/normalizações (ABNT):

Editora De Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

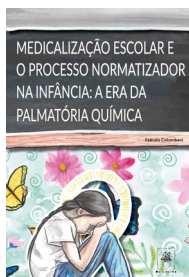
C718 Colombani, Fabiola.
Medicalização escolar e o processo normatizador na infância : a era da palmatória química [recurso eletrônico] / Fabiola Colombani. — 1. — São Carlos : De Castro, 2023.
Dados eletrônicos (pdf).
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5854-983-3
1. Psicologia educacional. 2. Psicologia escolar. 3. Medicalização. 4. Crianças – Cuidado e tratamento. I. Título.
CDD23: 370.15

Todos os direitos desta edição foram reservados aos autores. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Editora De Castro

contato@editoradecastro.com.br

editoradecastro.com.br



Reflexões sobre capa e contracapa:

Muitas crianças são vítimas do processo de Medicalização que assola nossa Educação desde os tempos remotos. O capitalismo e uma escola pautada na produtividade exacerbada vê na criança que apresenta alguma dificuldade educacional a necessidade de pensar sua condição a partir do corpo biológico e com isso, se esquecem do corpo social, da cultura e dos padrões impostos pela sociedade. Desta forma, a queixa escolar leva essas crianças a um caminho no qual ela deixa de ser cuidada com paciência, amorosidade e humanização, para ser tratada individualmente, sem que se considere a sua história de vida, buscando pela solução apenas por meio dos tratamentos medicamentosos. Se o entorno pouco importa, essa criança não será estimulada a conviver, aprender em comunidade, buscar seus limites e superar suas dificuldades. Quando se considera o corpo social, a criança encontra em sua plenitude diversas formas de superar os desafios e ao encontrar o apoio dos professores e dos profissionais que podem de fato valorizá-la, ela além da luz que carrega, ela se sentirá livre para desfrutar de uma infância que a motive a crescer de forma saudável.

DEDICO ESTE LIVRO

À força divina, que me move e traz luz aos meus dias, me dá energia, saúde e disposição, gratidão pela vida e pela oportunidade de ser.

Aos meus pais,

Efrain Eduardo Colombani Bolívar (in memorian) e Ivone Lopes de Colombani (in memorian), que nunca me impediram de ser uma criança curiosa e ativa e sempre me deixaram ser livre para pensar, perguntar e agir. Toda minha gratidão pela abundância de amor que recebi e por estarem eternamente comigo.

Ao Alonso, meu marido e grande companheiro de caminhada que me incentiva, me apoia e me mostra diversas formas de amar. Ele é o grande idealizador deste livro.

Aos meus filhos Brunno e Bianca, que sou profundamente grata por terem me escolhido para que nesta experiência humana eu pudesse vivenciar o amor puro e verdadeiro e a maternidade de forma tão calorosa.

Às minhas enteadas Maíra e Lívia pela presença e aprendizado diante das diversas experiências.

Aos meus familiares (irmãos, cunhados e sobrinhos), que com amor e carinho enviam suas energias de amor e confiança na minha caminhada.

Ao meu orientador, Professor Doutor Raul Aragão Martins, que com sua sensibilidade foi um mestre exemplar, conduziu com profissionalismo e respeito às minhas ideias, sem abandonar a amorosidade e a compreensão nos meus anos de doutoramento em que além da tese, gestei minha filha Bianca.

À Unesp (Universidade Estadual Paulista), câmpus de Marília, instituição responsável por minha formação desde graduação e que me deu todo amparo, inclusive financeiro, para que eu pudesse desenvolver minha pesquisa.

À Unimar (Universidade de Marília), por confiar em meu trabalho e por ser o lugar onde me dedico à docência e a supervisão de estágio em Psicologia Escolar, no qual enriquece minhas experiências todos os dias. Gratidão colegas e alunos de graduação em Psicologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	
O CAMINHAR METODOLÓGICO: DESCOBERTAS DO CAMPO	13
CAPÍTULO 2	
A HISTÓRIA DA MEDICALIZAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO: A TECNOLOGIA DO PODER DISCIPLINAR E DO BIPODER POR MEIO DA COAÇÃO ADULTA	21
CAPÍTULO 3	
O PROBLEMA EM FOCO: A MEDICALIZAÇÃO ESCOLAR COMO CONDUTA NORMATIZADORA E A BIOLOGIZAÇÃO DA VIDA	41
CAPÍTULO 4	
ENCONTROS TEÓRICOS E PRÁTICOS SOBRE O TEMA DA MEDICALIZAÇÃO: VÁRIOS OLHARES PARA UM MESMO LUGAR	57
CAPÍTULO 5	
O CAMPO COMO REALIDADE E FACILITADOR DA INTEGRAÇÃO TEÓRICA	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	129
AUTORA	139

INTRODUÇÃO

Há várias formas de iniciar um livro voltado para a infância. Geralmente a escolha passa por justificar a importância do tema e posicionar o leitor para o caminho que se quer seguir e os propósitos que se quer alcançar. Com isso, um “terreno fértil” pode ser preparado para a construção de um diálogo acerca do tema. Porém, neste momento o convite é para iniciarmos com um olhar mais empírico, reportado pelas vivências e lembranças de uma escola quem vem sendo construída há décadas e que segue um padrão influenciador na vida e nas situações cotidianas das pessoas, para que ao encontrarmos o aporte teórico, haja sentido nas diversas reflexões.

Neste livro o objetivo é trazer para o centro da discussão um tema polêmico que me mobiliza há anos, influenciando minha trajetória como profissional da psicologia, pesquisadora, docente e supervisora de estágio em psicologia escolar. Este tema é a Medicalização escolar e suas diversas nuances, acompanhada do pensamento patologizante de uma educação higienista e eugenista que se consolidou ao longo da história da educação. Meu interesse por este tema me instiga a buscar a compreensão sobre a concepção de infância e o que os adultos esperam das crianças. Tal questão me inquieta pela forma com que o comportamento humano desde a mais tenra idade passa a ser alvo de “cuidados” no intuito de controlar as ações e os pensamentos de acordo com os interesses de uma sociedade capitalista nutrida pelo consumo e pela produtividade, na qual rotula, estigmatiza e pune os que não se adequam às normas pré-estabelecidas. Com o apelo de buscar o melhor para aqueles que devem ser “educados” desde cedo, crianças são levadas aos consultórios para que um dia se tornem o tão esperado adulto “normal” do amanhã, que respeita as leis e as normas, que possam cumprir com aquilo que é posto sem questionar com criticidade e autonomia.

É importante esclarecer desde o início, que a ciência é o mote de todas essas reflexões, não há questionamento sobre a relevância científica, e todas as especialidades são bem-vindas pela importância da visão interdisciplinar que se acredita. Não há um posicionamento contra as verdades, há um posicionamento sobre uma visão distorcida das verdades. Os tratamentos e medicamentos são por vezes necessários, isso também não será ponto de discussão. O questionamento caminha no sentido da compreensão desses diagnósticos que levam às vias de consequências que impactam de forma negativa a vida das crianças que não são compreendidas em sua totalidade.

Em situações de extremo sofrimento psíquico, quando a palavra não consegue operar, ou em casos de diversas patologias reais, os medicamentos

auxiliam na terapêutica prevista, pois é algo que pode pôr em risco a saúde e a integridade da pessoa humana. Porém, também é fato que um mau diagnóstico e um tratamento indiscriminado pode trazer a mesma consequência negativa. O que nos preocupa e nos mobiliza para um posicionamento contra a Medicalização é o próprio fato da existência de uma política de saúde mental precária, que serve o capital e faz prevalecer os interesses da indústria farmacológica, usando de profissionais que se corrompem e de instituições mal intencionadas para se fazer valer dessas ações.

Este material foi tecido em diversos momentos pessoais, profissionais e acadêmicos. O interesse na escolha do tema que permeia este livro surgiu a partir de acontecimentos vividos ainda na infância, no final da década de 80 e início da década de 90, em que foi possível conviver com a medicina higienista na escola, por meio de meu pai - médico sanitarista que sempre era solicitado a participar das avaliações de saúde dos alunos da escola pública da cidade onde morava. Esses elementos de vida se somaram à prática como psicóloga de uma escola municipal ao mesmo tempo que atuava como psicóloga clínica em um município muito pequeno do interior paulista. Além disso, o trabalho ganhou novas formas quando levado para o ambiente acadêmico, mais precisamente no mestrado e com maior aprofundamento no doutorado e pós-doutorado, pois pude realizar no campo uma investigação empírica que me possibilitou oportunidades que eu não havia vivenciado antes. As escolas pesquisadas foram uma escola indígena, outra democrática e algumas escolas de outros países com realidades e histórias diferentes: Chile (Santiago) e França (Paris) no doutorado e Argentina (Buenos Aires), no pós-doutorado.

No início da pesquisa, o conceito de Medicalização da Infância e toda sua problemática vinha tomando forma havia algumas décadas. Durante a prática profissional essas questões me chamaram a atenção por sua incidência, o que me levou a pesquisar o tema. O termo Medicalização embora tenha surgido pela primeira vez em *Microfísica do Poder*, obra clássica de Foucault (1979), ainda era pouco conhecido e alguns o consideravam apenas como o ato de medicar ou de administrar alguma droga à criança. Collares e Moysés (1985, p. 10), apontam o termo como “a busca de causas e soluções médicas, a nível organicista e individual, para problemas de origem eminentemente social”, o que sinalizaria por parte dos que defendem tal posição, um desvio na criança, culpabilizando-a como se não houvesse nenhuma influência proveniente das relações humanas que acontecem dentro e fora da escola.

O intuito para as próximas páginas será levar o leitor a um questionamento dos parâmetros estabelecidos no princípio da “normalidade”. Como também, buscar proporcionar a reflexão sobre os diagnósticos e as suspeitas construídas no âmbito escolar diante das dificuldades manifes-

tadas pelas crianças. É importante que haja uma visão crítica acerca dessas manifestações pois só assim, teremos a real condição de compreender se de fato é uma manifestação isolada ou está tomada de influências dos adultos envolvidos ou até mesmo das relações escolares entre os colegas. De qualquer forma há de se pensar que tais questões são provenientes de sofrimento psíquico ou geram sofrimentos posteriores como consequência dessa responsabilização sobre as ocorrências consideradas negativas, sem que a criança tome consciência de suas emoções. É importante compreender o sentido, pois a vida preme de riqueza na beleza da infância pode esvaír-se com a falta de compreensão e aceitação e sobretudo, reduzir potências, habilidades e possibilidades.

CAPÍTULO 1

O CAMINHAR METODOLÓGICO: DESCOBERTAS DO CAMPO

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

Cora Coralina

Neste capítulo será apresentado o percurso metodológico do livro que se estenderá ao longo de sua trajetória constituída pelas análises bibliográficas e conceituais, observações, pesquisas, seleção dos sujeitos envolvidos, questionários, anotações e coletas de dados *in loco*, por meio de entrevistas semi-estruturadas e análise de material.

Este momento justifica-se para que o leitor conheça desde o início os propósitos deste livro e compreenda de forma mais clara as escolhas teóricas, como também, os caminhos que foram percorridos.

É importante destacar que ao tratar sobre o tema da Medicalização, automaticamente escolhe-se um posicionamento, pois não concordar com os ideais de uma era na qual não há o respeito pelas diferenças, em que a criança não pode viver livremente a infância e que todo e qualquer comportamento considerado desviante deva ser normatizado, tratado e modificado por drogas e condutas terapêuticas, já revela qual caminho de reflexão o pesquisador pretende seguir. Se não aceitamos a palmatória seja ela física ou química e se não concordamos com a coação adulta, é porque queremos uma escola plural, heterogênea e humanizada, para tanto, o caminho metodológico também deve corresponder à escola que queremos. Aí está o motivo pela escolha de vários campos distintos. Ao traçar comparativos entre as diversas realidades busca-se compreender o motivo pelo qual alguns sistemas medicalizam e outros optam por construir uma auto reflexão acerca do sistema escolar.

Esta pesquisa utiliza-se de paradigmas qualitativos, e desde o princípio teve como foco o “problema de pesquisa” – a Medicalização, e não uma única teoria, o que a desacorrenta do estigma de que precisamos estar ligados apenas a uma visão teórica, como se não pudéssemos “nos banhar” em várias fontes para responder nossas perguntas; pois teoria para nós é

respaldo, é apoio que sustenta e faz valer a relevância da investigação e não um aprisionamento de opiniões.

Conforme citam Mazzotti e Gewandszjadler (2001, p. 149):

No seu sentido mais estrito, “problema de pesquisa” é definido como uma indagação referente à relação entre duas ou mais variáveis. Essas variáveis podem ser diferentes aspectos da conduta de indivíduos... Muitos estudos qualitativos são exploratórios, não se preocupando em verificar teorias. Assim, nesse campo, o conceito de “problema de pesquisa” se torna bem mais amplo, podendo ser definido como uma questão relevante que nos intriga e sobre a qual as informações disponíveis são insuficientes.

Portanto, neste livro a teoria tem o papel de nos orientar e não nos enclausurar. Assim, o foco é o problema e a teoria sinaliza como podemos pensar sobre as questões que o envolve e a ótica pela qual vemos as representações que nos mobilizam. No trajeto teórico encontra-se então, uma junção de várias ciências: psicologia, pedagogia, filosofia e por que não a neurociência. Buscou-se obter uma visão totalmente apartada da ótica biologizante e organicista, pois tal posicionamento condiz com uma visão reducionista do homem e com a ideia de que suas manifestações escolares estão restritas às condições genéticas, o que tornaria a pessoa vítima de uma condição hereditária e biológica que não pode ser modificada e ou superada.

Assim, esta pesquisa apoia-se em dois teóricos de bases epistemológicas diferentes como Jean Piaget e Michel Foucault, e outros que surgiram ao longo da caminhada, não de forma aprofundada, mas como coadjuvantes que estiveram presentes na construção do conhecimento, são eles: Ivan Illich e Kant. Embora haja diferenças epistêmicas, todos tratam de conceitos que prezam pela autonomia e o respeito e reconhecem os malefícios da normatização, do controle e da coação adulta que podem impedir o desenvolvimento moral da criança.

Ao trazer peculiaridades da posição genealógica de Foucault e da teoria construtivista de Piaget, não temos como intenção unir as duas teorias em uma mesma categoria, nem de cometer uma homogeneização das ideias, mas sim de priorizar as diferenças entre eles e de mostrar os pontos em comum, respeitando cada qual, pois são provenientes de origens e tempos distintos.

Em defesa desse diálogo teórico, queremos avançar um pouco mais. Durante o percurso de doutoramento e do pós-doutorado, ocorreram apresentações da pesquisa em diversos eventos acadêmicos, várias opiniões foram encontradas a respeito. Foi por muitas vezes um impacto surpreendentemente positivo a notícia de uma pesquisa que estava nascendo fora dos moldes esperados teoricamente, ou seja, colocar Foucault e Piaget para falar de algo tão pulsante, recorrendo e sendo fiel às suas origens episte-

mológicas, poderia ser uma forma de romper com alguns paradigmas acadêmicos, porém, para outros foi encarado no mínimo como estranho, visto que, tal feito poderia confundir o leitor ao colocar os dois teóricos juntos.

As argumentações do segundo grupo não foram consistentes para que houvesse a desistência e o projeto foi levado adiante. Faço questão de trazer esse elemento, pois na academia é muito comum encontrarmos uma certa resistência nessa flexibilidade metodológica com a justificativa de que os teóricos possuem fundamentações filosóficas diferentes, mas talvez seja o mais interessante, visto que são vários olhares para o mesmo problema.

Piaget trouxe ricas contribuições para se pensar o desenvolvimento infantil e a existência de um corpo biológico, mas jamais desconsiderou esse corpo em seu contexto histórico que é afetado diretamente pelo meio e com isso, desenvolve suas potencialidades e caminha rumo ao desenvolvimento moral, o que nem sempre é alcançado, a sociedade tem uma grande responsabilidade nisso. Já Foucault traçou na genealogia, fundamentações acerca do poder e do Biopoder, presentes nas instituições e que movimentam a maquinaria da potência do capital, caracterizando a necessidade de pensarmos as questões da Pólis e sua forma de funcionar.

Já no que tange à Medicalização, é necessário apontar que a escola é uma das instituições mais afetadas, embora a lógica medicalizante esteja presente em todas as esferas das classes sociais, é na educação que diante das mazelas, as dificuldades tornam-se alvo de normatização sem que haja uma reflexão ampla acerca do que se deseja do outro e de como esse outro é atravessado pelo sistema sócio-político-econômico.

Na busca por soluções imediatas aos conflitos escolares, “desloca-se de uma discussão político-pedagógica e utiliza-se a administração de medicamentos conhecidos como ‘drogas da obediência’” (COLOMBANI; MARTINS; SHIMIZU, 2014, p. 1).

A pesquisa é de natureza bibliográfica e etnográfica, pois ao mesmo tempo que analisou o tema da Medicalização, preocupou-se com os diversos problemas apontados nas queixas escolares e suas implicações no desempenho do aluno e no seu desenvolvimento sociomoral. Em relação a tais transtornos foram utilizadas definições médicas; sobre a patologização e a Medicalização teve-se como fundamento a teoria genealógica de Foucault e de estudiosos contemporâneos brasileiros da Psicologia Histórico-Cultural, que abordam a educação na contemporaneidade e suas relações com os mecanismos de controle e aprisionamento da infância e, quanto ao desenvolvimento sociomoral, os conteúdos abordados foram baseados na teoria de Piaget. A investigação bibliográfica foi realizada em livros e artigos científicos.

Já a pesquisa etnográfica caminhou no sentido de conhecer a realidade das instituições, vivenciar o concreto e poder extrair um pouco a es-